

MAMÍFEROS DO VALE DO TAQUARI, REGIÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO SUL

Carlos Benhur Kasper¹
Maria Júlia Feldens²
Fábio Dias Mazim³
Adilson Schneider⁴
Cristina Vargas Cademartori⁵
Hamilton César Zanardi Grillo⁶

RESUMO

O Vale do Taquari localiza-se na porção central do Estado do Rio Grande do Sul, na encosta da Serra Geral. A vegetação da região é representada pela Mata Atlântica (Floresta Estacional Decidual) e encontra-se altamente fragmentada. As informações disponíveis sobre a mastofauna do Vale do Taquari são apresentadas a partir de dados coletados em campo, através de registros diretos e indiretos, revisões de coleções científicas e consultas à literatura disponível. Como resultado, apresenta-se uma lista comentada de 59 espécies de mamíferos ocorrentes na região, compreendidos em oito Ordens e 23 Famílias. Dentre as espécies registradas, 13 (aproximadamente 22%) estão ameaçadas de extinção no território sul riograndense.

Palavras-Chave: lista comentada, mamíferos, espécies ameaçadas, sul do Brasil, Floresta Estacional Decidual.

MAMMALS OF THE TAQUARI VALLEY, CENTRAL REGION OF RIO GRANDE DO SUL STATE

ABSTRACT

The Taquari Valley is located in the central portion of Rio Grande do Sul State, on the mountainside of the “Serra Geral”. The vegetation of the region is represented by the Atlantic Forest (Seasonal Deciduous Forest) which is currently highly fragmented. The information available on the mammalian fauna of the Taquari Valley is presented based on field data, collected through direct and indirect evidences, revision of scientific collections, and bibliographical research. As result, it is presented a commented list with 59 species occurring in the region, belonging to eight Orders and 23 Families. Among the recorded species, 13 (approximately 22%) are threatened with extinction in the Rio Grande do Sul.

Keywords: commented list, mammalian fauna, threatened species, southern Brazil, Seasonal Deciduous Forest

INTRODUÇÃO

Segundo Soulé & Kohm (1989) e Santos (2003) os pré-requisitos indispensáveis para se desenvolver

¹ Licenc. Biologia – Rua Rui Barbosa s/n Caixa Postal 121, Arroio do Meio, Rio Grande do Sul. 95940-000 E-mail: felinosdosul@yahoo.com.br.

² Licenc. Biologia – Rua Arthur Bernardes 1469, Alto do Parque, Lajeado, Rio Grande do Sul. 95900-000 E-mail: biologajulia@yahoo.com.br.

³ Bach. Ecologia – Rua Padre Anchieta 1277, ap 201, Centro, Pelotas, Rio Grande do Sul. 96015-420 E-mail: felinosdospampas@yahoo.com.br.

⁴ Licenc. Biologia – RS 130 s/n, Linha São Miguel, Cruzeiro do Sul, Rio Grande do Sul. 95930-000 carnivorosrs@yahoo.com.br.

⁵ Dra. do curso de Ciências Biológicas - Centro Universitário La Salle. Av. Victor Barreto 2288, Canoas, Rio Grande do Sul. E-mail: titina@via-rs.net.

⁶ Msc. do curso de Ciências Biológicas – Centro Universitário UNIVATES, Rua Avelino Tallini 171, Caixa Postal 155, Bairro Universitário, Lajeado, Rio Grande do Sul. 95900-000. E-mail: hgrillo@univates.br.

ações conservacionistas em uma determinada região, principalmente no que se refere à sua biodiversidade, estão na dependência do conhecimento básico das espécies e sua distribuição espacial. Estão incluídos neste contexto os inventários mastofaunísticos, uma vez que os mamíferos se enquadram como espécies “guarda-chuvas” e/ou “chaves” para a conservação do meio físico e biológico, sendo imprescindíveis para a indicação de impactos ambientais de diferentes naturezas, além de contribuírem para a criação de áreas protegidas e implementação de seus planos de manejo (Primack, 1995).

No Rio Grande do Sul os primeiros inventários mastofaunísticos datam Século XIX, tais como os realizados por Ihering (1892) e Araújo (1897), época em que os ecossistemas naturais e o estado de conservação das espécies diferiam do presente. Desde então, inúmeras listas mastofaunísticas foram conduzidas no território gaúcho (Ihering, 1911; Ihering, 1927; Salvini, 1936; Ávila-Pires, 1987; Ávila-Pires, 1994; Silva, 1994; Fontana *et al.*, 2003). A maioria dessas obras apresenta listas e comentários sobre o status de conservação das espécies ou aborda aspectos relativos às “localidades-tipo” e holótipos do Rio Grande do Sul.

Em face deste panorama, o presente estudo coligiu informações pertinentes à mastofauna do Vale do Taquari, visando ampliar o conhecimento acerca da ocorrência e distribuição deste grupo na região central do Rio Grande do Sul, uma vez que pesquisas desta natureza são inexistentes na área em questão. A introdução é a parte inicial do artigo, onde se expõe a delimitação do assunto que será abordado, os objetivos da pesquisa e demais fatores necessários para situar o artigo.

MATERIAIS E MÉTODOS

Área de estudo: O Vale do Taquari encontra-se na região central do Estado do Rio Grande do Sul, entre as coordenadas 29°38'22"S, 51°22'22"O e 29°55'12"S, 52°39'10"O, em uma área de aproximadamente 3.775 km², abrangendo 37 municípios (Figura 1). Fitoecologicamente a área está representada pela Floresta Estacional Decidual Aluvial e Submontana, associada ao Planalto das Araucárias (na escarpa da Serra Geral), em altitudes que variam entre 10 e 800 metros. Nas cotas mais altas há ocorrência de Floresta Ombrófila Mista, caracterizada pela presença da araucária (*Araucaria angustifolia* Bert.) (FOLHA SH 22, 1986).

A cobertura florestal original da região encontra-se consideravelmente fragmentada como resultado da substituição da mata nativa por áreas de cultivos cíclicos e pastagem, sobretudo nas planícies às margens de rios e arroios. Tal fragmentação é mais evidente na porção baixa do Vale, formada pelas planícies do Rio Taquari, onde os fragmentos têm menores dimensões e são mais isolados. Os principais fragmentos florestais de estrutura primária situam-se nas encostas e topos dos morros com maior declividade, muitos dos quais, apresentando conectividade ao longo de sucessivos morros. No entanto, vem sendo verificado um gradativo aumento da cobertura

vegetal nativa decorrente do abandono de áreas cultivadas.

As áreas de baixada, sobretudo às margens do Rio Taquari, são amplamente utilizadas para agricultura familiar em pequenas propriedades. Nessas planícies, a vegetação original encontra-se totalmente alterada, restando pequenos fragmentos e resquícios da mata ciliar junto aos cursos hídricos.

MÉTODOS

Foram empregados neste levantamento métodos padrão já consagrados em inventários mastofaunísticos, com a utilização de observações diretas e indiretas (Travi & Gaetani, 1985; Becker & Dalponte, 1991; Wilson *et al.*, 1996; Cullen *et al.*, 2003).

As informações foram obtidas entre os anos 2000 e 2006, a partir de registros de campo e de dados provenientes da análise da coleção científica do Museu de Ciências Naturais do Centro Universitário UNIVATES. A identificação das espécies de mamíferos de médio e grande porte (> 1kg) foi efetuada com base na caracterização de vestígios (*e.g.* fezes, pegadas e abrigos), avistamentos e coleta de carcaças em rodovias. Também foram utilizadas armadilhas fotográficas, num esforço amostral de 340 armadilhas/noite, durante o período de dezembro de 2003 a janeiro de 2006. Para o levantamento de pequenos mamíferos foram utilizadas armadilhas do tipo “Shermann” expostas bimestralmente ao longo do ano de 2001, durante 3 a 4 noites, totalizando 600 armadilhas-noite. Os autores fundamentaram a identificação das espécies na comparação a coleções de referência da PUCRS. Além disso, foram compilados os registros sobre a composição da quiropterofauna do Vale do Taquari, publicados por Grillo *et al.* (2003).

Todos os animais coletados estão tombados na coleção zoológica do Museu de Ciências Naturais do Centro Universitário UNIVATES. Por fim, a nomenclatura e a classificação taxonômica seguem o padrão adotado por Eisenberg & Redford (1999). O estado de conservação das espécies foi definido com base em Fontana *et al.* (2003), enquanto que os nomes vernáculos seguem Silva (1994).

RESULTADOS

Foram registradas 59 espécies de mamíferos no Vale do Taquari, sendo que 13 (aproximadamente 22%) são consideradas ameaçadas de extinção em nível estadual e quatro (aproximadamente 7%) integram o grupo de mamíferos definidos como “insuficientemente conhecidos” no Rio Grande do Sul (Tabela 1).

A assembléia de mamíferos de médio e grande porte apresentou a maior diversidade, com o registro de 26 espécies para toda a região. Entre os pequenos mamíferos não voadores foram registradas 17 espécies, 12 das quais através de captura. Verifica-se ainda a ocorrência de 16 espécies de morcegos para a região do Vale do Taquari.

Ordem Didelphimorphia**Família Didelphidae**

Chironectes minimus (Zimmermann, 1780) -
cuíca-d'água

Didelphis albiventris Lund, 1841 - gambá-de-orelha-branca

Didelphis aurita Wied, 1826 - gambá-de-orelha-preta

Gracilinanus microtarsus (Burmeister, 1854) -
guaiquica

Os gambás são os didelfídeos mais característicos da região. *Didelphis albiventris* é provavelmente o mamífero mais freqüente, sendo encontrado em praticamente qualquer ambiente, desde fragmentos de mata até as áreas mais urbanizadas, enquanto *D. aurita* foi registrado somente em fragmentos de mata de maior porte (> 100 ha), onde a ocorrência de *D. albiventris* é menos freqüente. Para *C. minimus* obteve-se apenas um registro, no município de Arroio do Meio, decorrente de predação por cães domésticos às margens do Rio Forqueta. O registro de *G. microtarsus* para o município de Putinga consiste em uma das poucas referências para a espécie no Rio Grande do Sul.

Ordem Xenarthra**Família Myrmecophagidae**

Tamandua tetradactyla (Linnaeus, 1758) -
tamanduá-mirim

Tamandua tetradactyla é relativamente comum, sendo encontrado em fragmentos florestais e junto às matas ciliares, embora já tenham sido avistados animais perdidos em meio à área urbana nos municípios de Lajeado e Estrela, maiores cidades do Vale do Taquari (aproximadamente 60 mil e 40 mil habitantes, respectivamente) É bastante conhecido pelos moradores rurais, entre os quais tem a fama injustificada de animal perigoso.

Família Dasypodidae

Cabassous totoy (Desmarest, 1804) – tatu-de-rabo-mole

Dasypus hybridus (Desmarest, 1804) - tatu-mulita

Dasypus novemcinctus Linnaeus, 1758 - tatu-galinha

Euphractus sexcinctus (Linnaeus, 1758) - tatu-peludo

Dasypus novemcinctus apresenta-se como a espécie mais freqüente dentre os tatus da região, sendo encontrado facilmente em fragmentos de mata, onde é comum se avistar seus abrigos e pegadas. Os demais tatus foram pouco observados durante o levantamento, apesar de serem bem conhecidos pela população rural da região.

Ordem Chiroptera**Família Noctilionidae**

Noctilio leporinus (Linnaeus, 1758) - morcego-pescador

Além de registros em áreas rurais e junto a corpos d'água em ambientes florestados, *N. leporinus* têm

sido visto com relativa freqüência em lagos e açudes integrados à paisagem urbana do município de Lajeado.

Família Phyllostomidae

Artibeus lituratus (Olfers, 1818) - morcego-de-cara-listrada

Chrotopterus auritus (Peters, 1856) - morcego-bombachudo

Desmodus rotundus (E. Geoffroy, 1810) - morcego-vampiro

Glossophaga soricina (Pallas, 1766) - morcego-beija-flor

Sturnira lilium (E. Geoffroy, 1810) - morcego-fruteiro

Entre os filostomídeos, a espécie aparentemente mais representativa na região é *A. lituratus*, cuja ocorrência é relativamente comum. Um caráter interessante da espécie é sua presença em ambientes urbanos, como verificado no município de Lajeado. Em uma análise do consumo de frutos de mamoeiro (*Carica papaya* L.), neste município, foi verificada a predação de um total de 51 frutos em 19 espécimes arbóreos, entre os dias 26 de junho e 28 de julho de 2002. O consumo deste recurso deu-se de forma praticamente independente das condições ambientais, uma vez que tal atividade foi observada durante noites de chuva, lua cheia e mesmo sob temperaturas de 5°C.

Família Vespertilionidae

Epitesicus brasiliensis (Desmarest, 1819) - morcego-borboleta-grande

Histiotus velatus (I. Geoffroy, 1824) - morcego-orelhudo

Lasiurus cinereus (Beauvois, 1796) - morcego-grisalho

Lasiurus ega (Gervais, 1856) - morcego-das-palmeiras

Myotis nigricans (Schinz, 1821) - morcego-borboleta-escuro

Todas estas espécies de Vespertilionidae também foram registradas em ambiente urbano, ocupando abrigos artificiais propiciados pelas edificações humanas ou pela arborização urbana (caso específico das espécies do gênero *Lasiurus*).

Família Molossidae

Molossus molossus (Pallas, 1766) - morcego-de-cauda-grossa

Molossus ater E. Geoffroy, 1805 - morcego-de-cauda-grossa-grande

Promops nasutus (Spix, 1823) - morcego-narigudo

Tadarida brasiliensis (I. Geoffroy, 1824) - morcegozinho-das-casas

Também nesta família destaca-se a ocupação maciça de prédios diversos, tanto em área rural quanto urbana, sendo registradas colônias de mais de mil exemplares de *Tadarida brasiliensis* em telhados. As demais espécies são comuns em área urbana, mas suas colônias não ultrapassam algumas dezenas de indivíduos.

Ordem Primates**Família Atelidae**

Cebus nigrinus (Linnaeus, 1758) - macaco-prego ou mico

Alouatta guariba clamitans Cabrera, 1940 - bugio-ruivo

A ocorrência de *C. nigrinus* parece ser mais freqüente e conhecida no Vale do Taquari quando comparada com *A. guariba clamitans*. Embora sejam inúmeros os relatos da presença do mico na região, podem ser citadas duas áreas de ocorrência confirmada, nos municípios de Arroio do Meio e Colinas. Já *A. guariba clamitans* possui apenas uma zona de ocorrência confirmada, na região dos municípios de Poço das Antas e Westfália. Recentemente registros ocasionais de um a três indivíduos tem sido realizados no município de Cruzeiro do Sul, cujos indivíduos provavelmente sejam oriundos de populações das planícies do Rio Taquari, como às referidas por Ribeiro e Bicca-Marques (2005).

Ordem Carnivora**Família Canidae**

Cerdocyon thous (Linnaeus, 1766) - graxaim-do-mato

O graxaim-do-mato é o carnívoro mais comum do Vale do Taquari. Tal afirmação baseia-se na freqüência com que os sinais de sua ocorrência são detectados e em sua presença em praticamente todos os ambientes, desde grandes fragmentos florestais a diminutos trechos de mata ciliar e até áreas urbanizadas. A ecologia alimentar desta espécie na região parece estar fortemente associada ao consumo de roedores e dos frutos do jerivá (*Syagrus romanzoffiana* Cham), freqüentemente encontrados em amostras de fezes.

Família Procyonidae

Nasua nasua (Linnaeus, 1766) - coati

Procyon cancrivorus (G. Cuvier, 1798) - mão-pelada

Procyon cancrivorus é muito comum no Vale do Taquari. A espécie ocorre em uma grande variedade de habitats, sobretudo próximo a cursos da água. Por outro lado, *N. nasua* é bem menos freqüente, ocorrendo apenas nos fragmentos florestais de maiores dimensões, sobretudo em cadeias de montanhas cobertas de mata, cujos fragmentos encontram-se menos isolados.

Família Mustelidae

Eira barbara (Linnaeus, 1758) - irara

Galictis cuja (Molina, 1782) - furão

Lontra longicaudis (Olfers, 1818) - lontra

A família Mustelidae apresenta duas espécies típicas na região, notadamente *G. cuja* e *L. longicaudis*. Ambas as espécies são relativamente comuns e encontradas em uma grande variedade de habitats. Por fim, *E. barbara* foi a última espécie a ser incluída na lista de mamíferos da região, tendo apenas um registro para o Morro Gaúcho no município de Arroio do Meio.

Família Felidae

Herpailurus yagouaroundi (Lacépède, 1809) - gato-mourisco

Leopardus pardalis (Linnaeus, 1758) - jaguatirica

Leopardus tigrinus (Schreber, 1775) - gato-do-mato-pequeno

Leopardus wiedii (Schinz, 1782) - gato-maracajá

Os felídeos estão representados principalmente pelo gato-do-mato-pequeno e pelo gato-mourisco. Os registros do gato-mourisco nos municípios de Taquari, Cruzeiro do Sul, Lajeado, Arroio do Meio e Venâncio Aires (município vizinho ao Vale do Taquari) parecem estar mais vinculados às áreas de planície, enquanto os registros de *L. tigrinus* referem-se aos municípios de Arroio do Meio, Colinas, Cruzeiro do Sul, Forquetinha, Ilópolis e Putinga, situados na encosta da Serra Geral. Com distribuição pouco conhecida na região, *L. wiedii* foi registrado apenas em três ocasiões, mais precisamente nos municípios de Putinga, Arroio do Meio e Cruzeiro do Sul. *Leopardus pardalis*, que provavelmente ocorria em todo o Vale do Taquari, no presente parece restringir-se à porção norte da região, havendo um registro para o município de Ilópolis e outro para o município de Putinga.

Ordem Artiodactyla**Família Cervidae**

Mazama gouazoubira (Fischer, 1814) - veado-virá

Mazama nana (Henzel, 1872) - veado-bororó

Acredita-se que a situação populacional do veado-virá e do veado-bororó na região esteja em ascensão, tendo em vista o encontro de seus vestígios em áreas outrora não utilizadas pela espécie. A ocorrência de veados dentro do Vale do Taquari era, até pouco mais de cinco anos atrás, restrita aos municípios mais altos do Vale, como Putinga, Ilópolis, São José do Herval e Pouso Novo, cujas matas com araucárias encontram-se relativamente preservadas. No entanto, mais recentemente *M. nana* tem sido registrado em municípios situados na porção baixa da região, tal como Marques de Souza, às margens do Rio Forqueta. É possível este incremento populacional esteja associado ao aumento de áreas florestadas, resultante do abandono de algumas áreas agrícolas e ao desinteresse pela caça ilegal por parte das gerações atuais da população rural.

Ordem Rodentia**Família Sciuridae**

Sciurus asteuans (Linnaeus, 1776) - serelepe

Sciurus asteuans é comum na região, ocorrendo em fragmentos de mata de diversos tamanhos, incluindo os resquícios de mata ciliar, áreas de vegetação secundária e zona urbana de algumas localidades (e.g. Jardim Botânico de Lajeado). A presença da espécie é facilmente detectada pelas marcas deixadas nas sementes de jerivá (*Syagrus romanzoffiana* Cham) durante a alimentação.

Família Muridae

Oligoryzomys flavescens (Waterhouse, 1837) - rato-silvestre

Oligoryzomys nigripes (Olfers, 1818) - rato-silvestre

Oryzomys angouya (Fischer, 1814) - rato-silvestre

Nectomys squamipes (Brants, 1827) - rato-silvestre

Akodon sp - rato-silvestre

Akodon montensis Thomas, 1913 - rato-silvestre

Oxymycterus c.f. rutilans (Olfers, 1818) - rato-silvestre

Brucepattersonius iheringi (Thomas, 1896) - rato-silvestre

Mus musculus (Linnaeus, 1776) - camundongo

Rattus norvegicus (Berkenhout, 1769) - ratazana

Rattus rattus Fischer, 1803 – rato das casas

Pouco pode ser abordado acerca da estrutura populacional dos pequenos roedores silvestres do Vale do Taquari, uma vez que apenas métodos de levantamento qualitativos foram empregados. Todavia, as espécies aparentemente mais abundantes devido ao maior número de capturas são *O. nigripes*, *Akodon* sp., *O. angouya* e *N. squamipes*, enquanto as espécies com menor incidência de captura foram *O. rutilans* e *A. montensis*. Todos os pequenos roedores foram capturados nos municípios de Putinga e São José do Herval, às margens do Rio Forqueta.

Os ratos exóticos estão amplamente distribuídos pelas habitações humanas, tanto na zona rural quanto urbana. Todavia, a ocorrência de *R. rattus* e *M. musculus* tem sido registrada em ambientes naturais, incluindo setores distantes de domicílios rurais.

Família Erethizontidae

Sphiggurus villosus (Lichtenstein, 1818) - ouriço-cacheiro

Sphiggurus villosus é um dos mamíferos mais comuns e tradicionalmente conhecidos da região, ocorrendo sempre junto a capões de mato, embora utilize ambientes alterados como capoeiras e cultivos agrícolas, principalmente lavouras de milho onde, não raro, é abatido. Sua presença foi verificada em áreas urbanas, incluindo o Jardim Botânico Municipal de Lajeado entre outros locais do mesmo município. A espécie é constantemente vítima de atropelamentos nas estradas da região.

Família Caviidae

Cavia aperea Erxleben, 1777 - preá

Amplamente distribuída na região, a presença de *C. aperea* é muito comum. Indivíduos são freqüentemente visualizados ou encontrados mortos em estradas e rodovias, geralmente próximo à vegetação baixa.

Família Hydrochaeridae

Hydrochaerus hydrochaeris (Linnaeus, 1766) - capivara

H. hydrochaeris é um mamífero que vem se disseminando no Vale do Taquari principalmente nos últimos anos. Tal conclusão baseia-se na freqüência com que vestígios da espécie têm sido encontrados por toda a região, os quais têm aumentado, sobretudo nos últimos quatro anos. Este roedor tem assumido o status de praga junto aos agricultores que cultivam próximo aos cursos hídricos de maior porte da região, os quais o acusam de invadir e causar prejuízos às suas culturas.

Família Agoutidae

Agouti paca (Linnaeus, 1766) – paca

A espécie parece bastante rara no Vale do Taquari, sendo considerada extinta por muitos moradores e caçadores. Seu único registro foi obtido em 2006 no município de Cruzeiro do Sul.

Família Dasyproctidae

Dasyprocta azarae Lichtenstein, 1823 - cutia

Outrora, *D. azarae* foi provavelmente um mamífero comum no Vale do Taquari. Atualmente é um roedor muito raro, havendo apenas um registro da espécie no município de Arroio do Meio.

Família Capromyidae

Myocastor coypus (Molina, 1782) - ratão-do-banhado

Espécie amplamente distribuída pelo Vale do Taquari. Tradicionalmente é caçada pela população rural para consumo familiar e comercialização das peles. Sua ocorrência está relacionada aos rios, açudes e banhados da região, embora tenham sido obtidos registros da espécie em matas de encosta.

Família Echimyidae

Kannabateomys amblyonyx (Wagner, 1845) – rato-do-bambú

Pouco pode ser dito a respeito desta espécie, uma vez que foi registrada apenas em duas ocasiões no município de Cruzeiro do Sul. Em uma das ocasiões a espécie foi encontrada junto a uma touceira de bambu e na outra junto a uma árvore em meio às taquaras.

Ordem Lagomorpha**Família Leporidae**

Lepus sp. - lebre

A ordem Lagomorpha é conhecida na região pela lebre, representante exótico deste grupo no país. Este táxon foi identificado em nível de gênero, pois Silva (1994) cita que a espécie introduzida no Rio Grande do Sul foi *Lepus capensis* Linnaeus, 1758, enquanto González (2001) menciona a introdução de *Lepus europaeus* Pallas 1778 no Uruguai. Com base neste contexto, González (2001) considera que a lebre ocorrente no território uruguaio provavelmente é produto de cruzamentos entre lebres européias e africanas do gênero *Lepus*. Embora o Vale do Taquari esteja distante

geograficamente do Uruguai, afirmações taxonômicas sem análises filogenéticas poderiam ser passivas de erro.

DISCUSSÃO

O Vale do Taquari apresenta diversas espécies comuns e típicas do Rio Grande do Sul (Ihering, 1892; Silva, 1994), assim como 12 espécies consideradas ameaçadas de extinção no Estado (sensu Fontana *et al.*, 2003). Desafortunadamente, a região não possui nenhuma Unidade de Conservação destinada a proteger os representantes deste grupo faunístico e tampouco garantir seu futuro a longo prazo.

Espécies como *Didelphis albiventris*, *Dasyops novemcinctus*, *Cerdocyon thous*, *Galictis cuja*, *Procyon cancrivorus*, *Hydrochoerus hydrochaeris*, *Myocastor coypus*, *Cavia sp.* e *Sphiggurus villosus* foram registrados em praticamente todos os setores, demonstrando alta plasticidade ecológica, utilizando inclusive ambientes urbanizados ou situados muito próximos a residências humanas. Digna de nota é a presença de mamíferos ameaçados de extinção em ambientes consideravelmente alterados junto a centros urbanos, notadamente *Tamandua tetradactyla*, *Lontra longicaudis* e *Leopardus tigrinus*. Não obstante, *Sciurus asteuans* e *Cebus nigritus* considerados “Insuficientemente conhecidos” no Estado (Fontana *et al.*, 2003), também foram registrados em áreas urbanizadas, mostrando que tais espécies podem se adaptar a ambientes modificados pelo homem, desde que não sejam perseguidas por caçadores. Por outro lado, *Leopardus wiedii*, *Nasua nasua*, *Chironectes minimus*, *Alouatta guariba clamitans* e *Dasyprocta azarae* ficaram restritas a determinadas áreas com um reduzido número de registros, que pode revelar uma baixa frequência de ocorrência. Para tais espécies é possível que a redução e a fragmentação do habitat estejam exercendo uma forte pressão. Além disso, é provável que várias espécies tenham sofrido grande pressão de caça em um passado recente, como constataram os autores a partir de relatos dos antigos moradores da região.

A lontra foi particularmente bem estudada na região, principalmente no que se refere à dieta e ao uso do habitat (Kasper *et al.*, 2004a; Kasper *et al.*, 2004b), tendo apresentado ocorrência confirmada em 17 de 19 localidades amostradas.

Destaca-se ainda a não ocorrência de *Conepatus chinga* (Molina, 1782), espécie típica e abundante nas regiões campestres do Rio Grande do Sul e que a exemplo de *Pseudalopex gymnocercus*, não adentra a região de encosta da Serra Geral, caracterizada por formações florestais mais contínuas. Todavia, sua ocorrência foi registrada para os municípios de Fontoura Xavier e Montenegro, municípios vizinhos ao Vale do Taquari, localizados respectivamente ao norte e ao sul da região, apresentando fitofisionomias mais abertas. Em contrapartida, no Vale do Taquari foi registrada a presença de *Lepus sp.*, caracterizada como uma espécie campestre (Silva, 1994; González, 2001). Provavelmente, a fragmentação florestal e os cultivos agrícolas tenham favorecido a colonização da área por essa espécie. Assim

como a lebre, verifica-se a presença de *Mus musculus*, *Rattus rattus* e *Rattus norvegicus*, alóctones à região, mas atualmente ocorrendo em estado selvagem, possivelmente favorecidos pela alteração antrópica dos ambientes naturais.

Digno de nota foi um flagrante fotográfico de *M. coypus* em uma mata de encosta situada acima de 400 m s.n.m. em um terreno com alta declividade caracterizado por sucessivas quedas d'água de pouca vazão (ca. 10 cm de profundidade). Segundo González (2001), a presença de *M. coypus* não é esperada neste tipo de ambiente, uma vez que a espécie se caracteriza por habitar tradicionalmente zonas planas e palustres.

Entre os pequenos mamíferos é provável que haja um número muito maior de espécies do que o relatado neste documento, uma vez que os resultados aqui apresentados são oriundos de um levantamento preliminar de espécies. Com a investigação de novas áreas, a intensificação no esforço de amostragem e o uso de armadilhas em estratos variados, certamente haverá um acréscimo de espécies à lista ora apresentada.

Alguns habitantes rurais relatam que *Puma concolor* (Linnaeus, 1771) e *Sylvilagus brasiliensis* (Linnaeus 1758) ainda possam ser encontrados na região. Porém, registros concretos não foram obtidos. É provável que essas espécies estejam localmente extintas ou restritas a populações bastante reduzidas e isoladas nas áreas mais remotas. No caso de *Mazama americana* (Erleben, 1777), acredita-se que seja possível a existência de populações residuais na região, uma vez que é encontrada no Planalto das Araucárias e áreas de pinheirais extensos (Mähler Jr. & Schneider, 2003) embora tal espécie ainda não tenha sido registrada.

Extinções de mamíferos na região não podem ser confirmadas, uma vez que inventários pretéritos são inexistentes no Vale do Taquari. No entanto, cabe salientar que são conhecidos relatos antigos a respeito da ocorrência de *Panthera onca* (Linnaeus, 1758), *Puma concolor*, *Tapirus terrestris* (Linnaeus, 1758), *Pecari tajacu* (Linnaeus, 1758) e *Tayassu pecari* (Link, 1795) na região do Rio Taquari-Antas (Ferri, 1991) sem que sejam especificadas as localidades. Além disso, Ihering (1892) e Rambo (2000) reportam a ocorrência dos referidos táxons para as encostas da Serra Geral no Planalto das Araucárias. Rambo (2000) relata, ainda, o desaparecimento da onça-pintada desta região. Não obstante, topônimos de localidades e mesmo municípios, tais como “Poço das Antas” e “Anta Gorda”, “Linha Tigrinho”, “Arroio Tamanduá” indicam a ocorrência de determinadas espécies. Assim, é possível que boa parte, senão todos esses mamíferos de médio porte tenham ocorrido na região antes da colonização.

Finalmente, considera-se que o conhecimento é insuficiente sobre as espécies citadas neste artigo, caracterizando uma lacuna no conhecimento da bioecologia e estrutura populacional dos mamíferos na área de estudo. Conseqüentemente, qualquer tentativa de uma avaliação mais aprofundada da situação dessas espécies na região, seria mera conjectura. Em vista disso, sugere-se o aprofundamento dos estudos mastofaunísticos

no Vale do Taquari, além de buscas por populações residuais de espécies raras ou em vias de extinção.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos colaboradores que forneceram informações sobre os mamíferos do Vale do Taquari, em especial a Patrulha Ambiental da Brigada Militar e ao Biólogo Marco Antônio Majolo. Também agradecemos a Dra. Susi Missel Pacheco pela ajuda na identificação dos pequenos roedores e morcegos e a Dra. Marta Elena Fabián pela revisão do manuscrito. Agradecemos ainda ao Centro Universitário UNIVATES e a CERTEL pelo apoio institucional.

BIBLIOGRAFIA

- [1] ARAUJO, F. **Principais representantes da fauna do Município – Mamíferos e Aves**. Pelotas, Editora Livraria Comercial, 1897. p. 24 – 27
- [2] ÁVILA-PIRES, F. D. Introdução à Mastozoologia do Brasil Meridional. **Revista Brasileira de Zoologia**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 115-128, 1987.
- [3] ÁVILA-PIRES, F. D. Mamíferos descritos do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Brasileira de Biologia**, São Carlos, v. 54, n. 3, p. 367-384, 1994.
- [4] BECKER, M.; DALPONTE, J. C. **Rastros de mamíferos silvestres brasileiros: um guia de campo**. Brasília: Editora UNB, 1991. 180 p.
- [5] CULLEN JR., L.; RUDRAN, R.; VALLADARES-PADUA, C. (Eds.). **Métodos de Estudos em Biologia da Conservação e Manejo da Vida Silvestre**. Curitiba: Editora UFPR, 2003. 665 p.
- [6] EISENBERG, J. F.; REDFORD, K. H. **Mammals of the Neotropics: The Central Neotropics**. Chicago and London, The University of Chicago Press, 1999. V.3, 609 p.
- [7] FERRI, G. **História do Rio Taquari – Antas**. Encantado: Grafen Gráfica e Editora, 1991. 319 p.
- [8] FOLHA SH 22. **Levantamento de recursos naturais: Ecologia, Geomorfologia, Pedologia, Vegetação, Uso Potencial da Terra**. Rio de Janeiro, IBGE, 1986. p. 541 – 632,
- [9] FONTANA, C. S., BENCKE, G. A.; REIS, R. E. (Eds.). **Livro vermelho da fauna ameaçada de extinção no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. 632 p.
- [10] GONZÁLES, E. M. **Guia de campo de los mamíferos de Uruguay: Introducción al estudio de los mamíferos**. Montevideo: Vida Silvestre, 2001. 339 p.
- [11] GRILLO, H.C.Z., MARDER, E.; ROSA, V.A. Composição da Quiropteroфаuna do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul, Brasil. **Divulgações do Museu de Ciência e Tecnologia – UBEA / PUCRS**, Publicação Especial. 2003. Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 2, p. 54 – 55,
- [12] IHERING, H. V. Os mamíferos do Rio Grande do Sul. p. 96 –123 *In*: Azambuja, G. A. (Ed.). **Anuário do Estado do Rio Grande do Sul para o Anno 1892**. Porto Alegre: Gundlach & Krahe, 1892.
- [13] IHERING, H. V. Os mamíferos do Brazil meridional. **Revista do Museu Paulista, São Paulo**: v. 8, p. 147 – 272, 1911.
- [14] IHERING, H. V. Os mamíferos do Rio Grande do Sul. **Revista do Museu e Archivo Público do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre: v.19, p. 41–77, 1927.
- [15] INDRUSIAK, C.; EIZIRIK, E. Carnívoros, p. 507 – 533. *In*: Fontana, C. S., Bencke, G. A.; Reis, R. E. (Eds.). **Livro vermelho da fauna ameaçada de extinção no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. 632 p.
- [16] KASPER, C. B.; FELDENS, M. J.; SALVI, J.; GRILLO, H. C. Z. Estudo preliminar sobre a ecologia de *Lontra longicaudis* (Olfers) (Carnívora: Mustelidae) no Vale do Taquari, Sul do Brasil. **Revista Brasileira de Zoologia**, Curitiba, v. 21, n. 1, p. 65 – 72, 2004.
- [17] KASPER, C. B.; SALVI, J.; GRILLO, H. C. Z. Estimativa do tamanho de duas espécies de ciclídeos (Osteichthyes, Perciformes) predados por *Lontra longicaudis* (Olfers) (Carnívora: Mustelidae), através de análise das escamas. **Revista Brasileira de Zoologia**, Curitiba, v. 21, n. 3, p. 499 – 503, 2004.
- [18] PRIMACK, R. B. **A primer of conservation biology**. Sunderland; Sinauer Associates Inc., 1995. 277 p.
- [19] RAMBO, B. S. J. **A Fisionomia do Rio Grande do Sul**. 3 Ed. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2000. 473 p.
- [20] RIBEIRO, S.; BICCA-MARQUES, J. C. Características da paisagem e sua relação com a ocorrência de bugios-ruivos (*Alouatta guariba clamitans* Cabrera, 1940; Primates, Atelidae) em fragmentos florestais no Vale do Taquari, RS. **Natureza & Conservação**, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 65 – 78, 2005.
- [21] SALVINI, R. O. **Pindurama Sulina – O que produz e o que deveria produzir o Município de Santa Vitória**. Santa Vitória do Palmar: Typ. Esc. Prof. Lyceu Salesiano Leão XIII, 1936. 52 p.
- [22] SANTOS, A. J. Estimativas de riqueza em espécies. *In*: Cullen, L.Jr.; Valladares-Pádua, C.; Rudran, R. (Eds.) **Métodos de estudos em biologia da conservação e manejo de vida silvestre**. Curitiba: Editora UFPR, 2003. p. 19-41.
- [23] SILVA, F. **Mamíferos Silvestres – Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, 1994. 245 p.
- [24] SOULÉ, M. E.; KOHM, K. A. **Research priorities for conservation biology**. Washington; Island Press, 1989. 97 p.
- [25] TRAVI, V.; GAETANE, M. C. **Guia de Pegadas para a Identificação de Mamíferos Silvestres do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora UNB, 1985. p. 77 – 92.
- [26] WILSON, D. E. ; COLE, F.R.; NICHOLS, J.D.; RUDRAN, R.; FOSTER, M. (Eds.) **Mensuring and Monitoring Biological Diversity: Standard Methods for Mammals**. Washington: Smithsonian Institution Press, 1996. 409p.

Tabela 1: Categorias taxonômicas, método de registro e estado de conservação da mastofauna registrada entre 2000 e 2006 no Vale do Taquari, porção central do Rio Grande do Sul. V = Visualização direta; C = Captura; Ca = Carcaça; Af = Armadilha fotográfica; P = Pegadas, abrigos e restos alimentares; R = Relato; B = Bibliografia (Grillo *et al.*, 2003)

Ordem / Família	Nome Científico	Método de registro	Status de ameaça
Didelphimorphia			
Didelphidae	<i>Chironectes minimus</i>	Ca	Vulnerável
	<i>Didelphis albiventris</i>	V, C, Ca, Af e P	Não ameaçado
	<i>Didelphis aurita</i>	C e AF	Não ameaçado
	<i>Gracilinanus agilis</i>	Ca	Insuficientemente conhecido
Xenarthra			
Myrmecophagidae	<i>Tamandua tetradactyla</i>	V, C e Ca	Vulnerável
Dasypodidae	<i>Cabassous totouay</i>	Ca	Não ameaçado
	<i>Dasypus hybridus</i>	V e Ca	Não ameaçado
	<i>Dasypus novemcinctus</i>	V, Ca, Af e P	Não ameaçado
	<i>Euphractus sexcinctus</i>	Ca	Não ameaçado
Chiroptera			
Noctilionidae	<i>Noctilio leporinus</i>	B	Não ameaçado
Philostomidae	<i>Artibeus fimbriatus</i>	B	Não ameaçado
	<i>Artibeus lituratus</i>	V, P e B	Não ameaçado
	<i>Chrotopterus auritus</i>	B	Não ameaçado
	<i>Desmodus rotundus</i>	B	Não ameaçado
	<i>Glossophoga soricina</i>	B	Não ameaçado
	<i>Sturnira lilium</i>	Ca e B	Não ameaçado
Vespertilionidae	<i>Epitesicus brasiliensis</i>	B	Não ameaçado
	<i>Histiotus velatus</i>	B	Não ameaçado
	<i>Lasiurus cinereus</i>	B	Não ameaçado
	<i>Lasiurus ega</i>	B	Não ameaçado
	<i>Myotis nigricans</i>	B	Não ameaçado
Molossidae	<i>Molossus molossus</i>	B	Não ameaçado
	<i>Molossus ater</i>	B	Não ameaçado
	<i>Promops nasutus</i>	B	Não ameaçado
	<i>Tadarida brasiliensis</i>	B	Não ameaçado
Primates			
Cebidae	<i>Cebus nigritus</i>	V e Af	Insuficientemente conhecido
	<i>Alouatta guariba clamitans</i>	R	Vulnerável
Carnivora			
Canidae	<i>Cerdocyon thous</i>	V, P, Ca, e Af	Não ameaçado
Procyonidae	<i>Nasua nasua</i>	Af	Vulnerável
	<i>Procyon cancrivorus</i>	V, Ca, Af e P	Não ameaçado
Mustelidae	<i>Eira barbara</i>	V	Vulnerável
	<i>Galictis cuja</i>	V, Ca, e P	Não ameaçado
	<i>Lontra longicaudis</i>	V e P	Vulnerável
Felidae	<i>Herpailurus yagouaroundi</i>	Ca e P	Vulnerável
	<i>Leopardus pardalis</i>	P e R	Vulnerável
	<i>Leopardus tigrinus</i>	Ca, Af e P	Vulnerável
	<i>Leopardus wiedii</i>	Af e P	Vulnerável
Artiodactyla			

Cervidae	Mazama gouazoupira	V e P	Vulnerável
	Mazama nana	V e Ca	Criticamente ameaçado
Rodentia			
Sciuridae	Sciurus asteuans	V e P	Insuficientemente conhecido
Muridae	<i>Oligoryzomys flavescens</i>	C	Não ameaçado
	<i>Oligoryzomys nigripes</i>	C	Não ameaçado
	<i>Oryzomys angouya</i>	C	Não ameaçado
	<i>Nectomys squamipes</i>	C	Não ameaçado
	<i>Akodon sp.</i>	C	Não ameaçado
	<i>Akodon montensis</i>	C	Não ameaçado
	<i>Oxymycterus rutilans</i>	C	Não ameaçado
	<i>Brucepattersonius iheringi</i>	C	Não ameaçado
	<i>Mus musculus</i>	C e Ca	Não ameaçado
	<i>Rattus norvegicus</i>	C e Ca	Não ameaçado
	<i>Rattus rattus</i>	C e Ca	Não ameaçado
Erethizontidae	Sphiggurus villosus	V, Ca, Af	Não ameaçado
Caviidae	<i>Cavia sp.</i>	V e Ca	Não ameaçado
Hydrochoeridae	Hydrochoerus hydrochaeris	P	Não ameaçado
Agoutidae	Agouti paca	Af	Vulnerável
Dasyproctidae	Dasyprocta azarae	P	Insuficientemente conhecido
Capromyidae	<i>Myocastor coypus</i>	V, Af e P	Não ameaçado
Echimyidae	<i>Cannabateomys amblyonyx</i>	V	Não ameaçado
Lagomorpha			
Leporidae	<i>Lepus sp.</i>	V, Ca	Não ameaçado

RIO GRANDE DO SUL

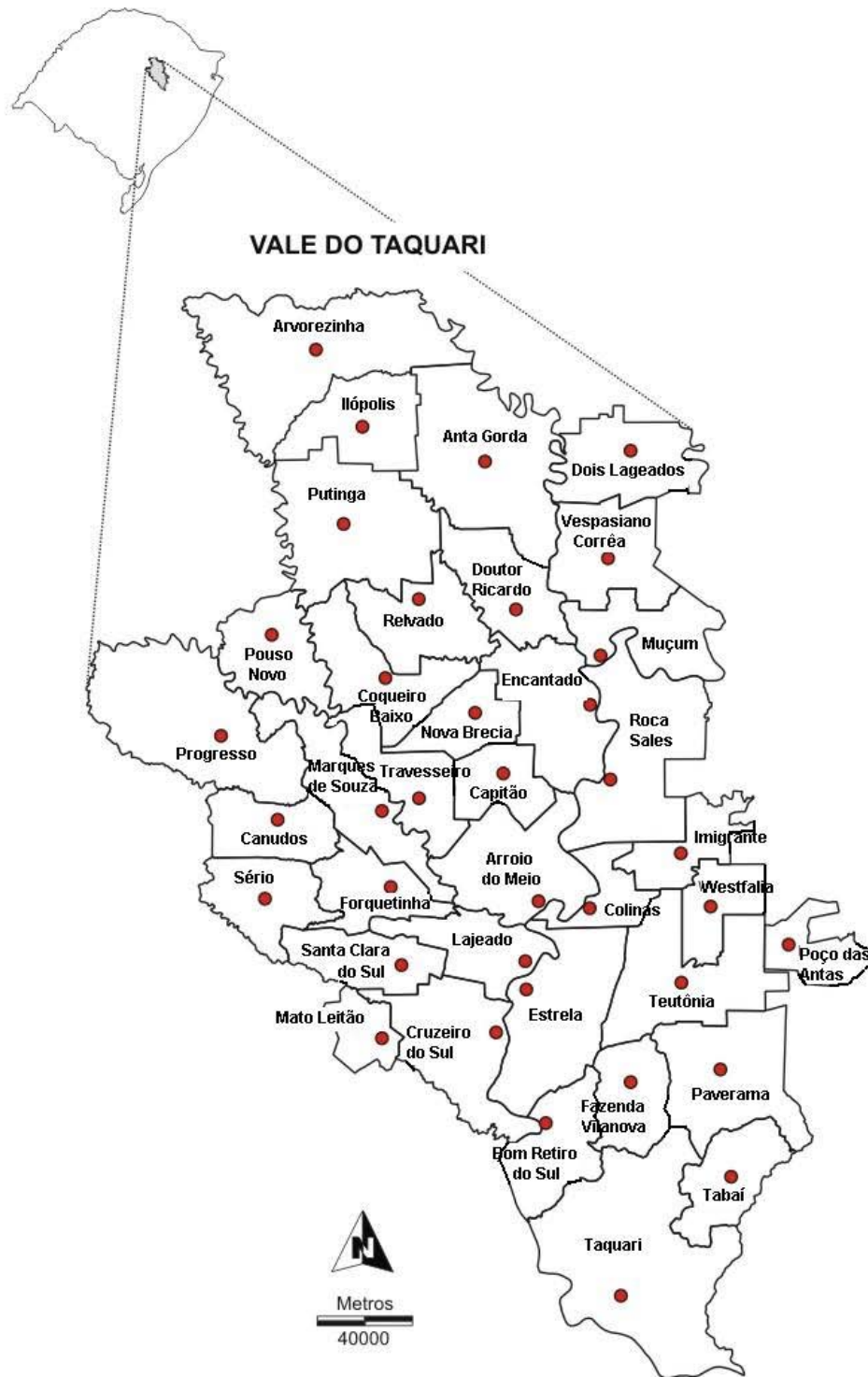


Figura 1: Mapa de localização do Vale do Taquari.